

Recuperação? O comércio ainda não viu qualquer sinal.

As expectativas do comércio paulista, mesmo frente aos sinais de recuperação da indústria, são pouco favoráveis. Com essa declaração, Abram Szajman, presidente da Federação do Comércio do Estado de São Paulo, descartou qualquer possibilidade de a curto prazo outros segmentos econômicos virem a desfrutar os benefícios da chamada recuperação. Considera que os indícios de reaquecimento econômico estão consubstanciados no redobrado esforço de exportação e diz que nesse aspecto a indústria assume participação preponderante:

— É improvável que os reflexos desse eventual reaquecimento no âmbito interno sejam concretizados de forma satisfatória, devido aos obstáculos institucionalizados pela política econômica restritiva dos últimos anos.

Dando como certa a continuidade de uma política monetária "contracionista", de uma política salarial "austera" e de uma política tributária "voraz", Szajman observa que a reativação do setor comercial, embora imprescindível, se mostra distante de se concretizar. Isso pode ser comprovado, segundo ele, pelo resultado apurado pela pesquisa conjuntural realizada pela Federação junto a 38 municípios: "Ao contrário do resultado alcançado pela indústria, o comércio durante o primeiro bimestre sofreu uma retração de 6,37% em relação ao mesmo período do ano passado. Esse dado confirma novamente a clara tendência recessiva que o setor vem sentindo desde 1980".

No caso de São Paulo, os resultados negativos não se restringem a uma queda generalizada de faturamento. Conforme revelação feita por Szajman, o número de empregos no comércio varejista também é motivo de preocupação: 2,3% menor do que em igual período do ano passado. Outro indicador dos problemas enfrentados pelo comércio paulista apontado pelo empresário é o número de concordatas e falências requeridas. Em relação a igual período do ano passado (janeiro-fevereiro), a Federação registrou aumento de 255% no número de concordatas e de 86,1% no número de falências:

— A retomada de crescimento não se concretizará caso não se reverta o quadro criado pelos elevados custos financeiros que, tomando como base fevereiro, chegaram a atingir, para desconto de duplicatas, o insuportável nível de 427% ao ano, desabafa Szajman. Esse crédito escasso e caro por um lado inviabiliza a manutenção de estoques e de uma política de preços acessíveis ao consumidor e por outro desestimula as vendas a prazo pelos elevados juros incidentes nas prestações.

Para Szajman, o mau desempenho do comércio nestes três primeiros meses pode ser explicado pela resistência da inflação, que atuou sobre o poder de compra, e pelo estímulo dado às aplicações financeiras.